



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DEFIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

ANA CLECIA DA SILVA

REFLEXÕES SOBRE O AMOR NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

**CAMPINA GRANDE/PB
NOVEMBRO DE 2019**

ANA CLECIA DA SILVA

REFLEXÕES SOBRE O AMOR NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE/PB
NOVEMBRO DE 2019.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Ana Clecia da.
Reflexões sobre o amor na filosofia de Arthur Schopenhauer [manuscrito] / Ana Clecia da Silva. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia alemã. 2. Amor. 3. Eros. 4. Ágape. I. Título
21. ed. CDD 193

ANA CLECIA DA SILVA

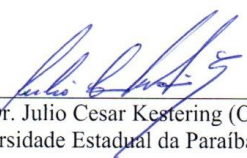
REFLEXÕES SOBRE O AMOR NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Filosofia.

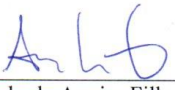
Área de concentração: Metafísica.

Aprovada em: 20/11/2019.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*A minha família, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.*

O amor é o centro invisível de todos os atos e de todos os fatos.

(Arthur Schopenhauer)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O MUNDO COM REPRESENTAÇÃO.....	7
3 O MUNDO COMO VONTADE.....	9
4 METAFÍSICA DO AMOR.....	13
4.1 O AMOR EROS.....	13
4.2 O AMOR ÁGAPE.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	20

RESUMO

O presente trabalho tem como escopo abordar de maneira sucinta as diferentes perspectivas do conceito *amor* na obra *O mundo como vontade e como representação* de Arthur Schopenhauer. Constataremos que é preciso distinguir, na obra de Schopenhauer, duas concepções diferentes sobre o amor. Primeiramente o filósofo alemão apresenta o amor no sentido sexual (EROS), em seguida como amor puro (ÁGAPE). No primeiro sentido o amor nada mais é do que o instinto de que se serve o gênio da espécie para favorecer a obra obscura (irracional) e problemática da propagação da espécie. Esse tipo de amor é visto por Schopenhauer, na sua essência, como negativo, pois, leva a continuação do mundo como sofrimento e morte. O amor puro, por sua vez, tem a ver, segundo a concepção de Schopenhauer, com nossas ações (atitudes, comportamentos) com relação à dor retratada na vida de nossos próximos e também dos animais. O amor aqui pode ser visto no seu lado positivo, como amor ético, o qual se efetua em gestos concretos do sujeito para diminuir a dor alheia e no mundo; essas ideias formam a base da moral da compaixão de Schopenhauer.

Palavras-Chave: Schopenhauer; Amor; Eros; Ágape.

REFLECTIONS ON LOVE IN ARTHUR SCHOPENHAUER'S PHILOSOPHY

ABSTRACT

The present work aims to briefly address the various facets of love in the world as will and as a representation of Arthur Schopenhauer. We will see that it is necessary to distinguish, in Schopenhauer's work, two different conceptions about love. First, the German philosopher presents love in the sexual sense (EROS), then as pure love (AGAPE). In the first sense, love is nothing but the emotion that the genius of the species serves to favor the obscure (irrational) and problematic work of the propagation of the species. This kind of love is seen by Schopenhauer as essentially negative, since it leads to the continuation of the world as suffering and death. Pure love, in turn, has to do, according to Schopenhauer's conception, with our actions (attitudes, behaviors) in relation to the pain of others portrayed in the lives of our neighbors and also of animals. Love here can be seen on its positive side, as ethical love, which is effected in concrete gestures of the subject to lessen the pain of others; these ideas form the basis of Schopenhauer's moral compassion.

Keywords: Schopenhauer; love; Eros; Agape.

1 INTRODUÇÃO

No século XIX, mais precisamente no ano de 1819, Arthur Schopenhauer¹ escreveu sua obra magna intitulada *O mundo como vontade e como representação*. Penetrar no pensamento de um grandioso e genial filósofo é sem dúvida uma aventura intelectual interessantíssima. Interpretar Schopenhauer nos leva, de fato, a perguntarmos por aquilo que constitui o mundo, aquilo que dele conhecemos e sobre aquele que seria o nosso papel em meio a todo um universo de objetos e fenômenos. Schopenhauer foi o filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento Indiano na metafísica alemã. Conhecido por seu pessimismo, entendia o Budismo como uma confirmação dessa visão. A filosofia de Schopenhauer influenciou vários pensadores, entre os quais se destacam Nietzsche, Hartmann, Simmel, Bergson e Freud. Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se experimenta como um ser movido de aspirações e paixões.

Resultado de uma atividade agradável, nossa pesquisa acerca do pensamento Schopenhaueriano versa, especificamente, sobre a sua concepção de amor. No entanto, antes de estudarmos o conceito de amor, é necessário apresentar e analisar o dualismo presente na filosofia Schopenhaueriana, qual seja, o mundo visto como representação e o mundo visto como vontade. Vontade e representação: esses conceitos são apresentados na magna de Schopenhauer *O mundo como vontade e como representação* nos Livros I e II. De acordo com o pensador alemão, primeiramente descobrimos que o mundo inteiro é apenas representação para o sujeito cognoscente, ele é meramente objeto, sem existência própria, ou seja, ele existe unicamente em relação ao sujeito que o intui, segundo as formas *a priori* do espaço, tempo e causalidade (Princípio de razão). Em seguida, o mundo é também vontade; aqui temos a ver com a essência do mundo inteiro. A vontade apresenta-se como ímpeto cego, irracional.

Por sua vez, o conceito de amor para Schopenhauer se apresenta sob duas perspectivas diferentes. Primeiramente na perspectiva sexual (EROS), em seguida naquela do amor puro (ÁGAPE). No primeiro sentido, o amor nada mais é do que o instinto de que se serve o gênio da espécie para favorecer a obra obscura (irracional) e problemática da propagação da espécie; já no segundo sentido, o amor é visto no seu lado positivo, como amor ético e que se efetua em gestos concretos do sujeito para diminuir a dor no mundo.

2 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

Schopenhauer objetiva na sua obra maior apresentar um pensamento único, simples, instantâneo, qual seja, *o mundo como vontade e como representação*, e que pode subdividido em quatro partes. Neste sentido, a sua obra apresenta a seguinte subdivisão: no primeiro livro trata das questões relacionadas à representação, no segundo aquelas referentes à vontade, no terceiro livro aparecem questões sobre a estética e no último livro discute-se a temática da *ética*. Para o desenvolvimento de nossa temática interessam os livros I e II e IV da obra *O mundo como vontade e como representação*. Logo no início de sua obra principal Schopenhauer desenvolve a temática do mundo como representação.

¹ Arthur Schopenhauer nasceu na cidade de Danzig em 1788 e faleceu em Frankfurt am Main em 1860. A composição geral de sua filosofia forma seu pessimismo metafísico. Suas principais obras foram: *Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, *O Mundo como Vontade e como Representação*, *Sobre a Vontade na Natureza*, *Os dois problemas fundamentais da Ética e Parerga e Paralipomena*.

O mundo é minha representação. Está é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la a consciência refletida a abstrata. E de fato o faz [...] verdade alguma é [...] mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra representação. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

A primeira tese (afirmação) que aparece no texto da obra magna de Schopenhauer é a de que *o mundo é minha representação*. O mundo não seria, pois, nada mais do que representação da consciência humana. Por mais concreto e imenso que o mundo pareça, sua existência depende da consciência humana. O mundo como representação é o mundo do ponto de vista em que o consideramos sob a perspectiva do sujeito e do objeto. Com efeito, o filósofo não se interessa pela questão do que *o mundo é em si*, mas do que *ele é para mim*. Sendo assim, o mundo existe tão-somente como objeto em relação ao sujeito: “O mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Schopenhauer faz uso também daquilo que ele chama de *princípio de razão* (formas *a priori* do entendimento: espaço, tempo e causalidade) para aprofundar suas teses referentes ao mundo como representação. Segundo o comentário de Machado (2005, p. 167-168) o *princípio de razão* seria “a expressão das condições formais do objeto conhecidas *a priori*; é a condição de todo objeto possível. Mas esse princípio não é o principal, ele é posterior ao par sujeito–objeto, que é a forma mais geral da representação”. Todas as nossas representações são objetos para o sujeito e vice-versa. Desse modo o mundo é representação para um sujeito que o representa.

Se alguma verdade pode ser expressa *a priori*, é essa, pois é uma asserção da forma de toda experiência possível imaginável, mais universal que qualquer outra, que tempo, espaço e causalidade. Pois todas essas já a pressupõe; e, se cada uma dessas formas conhecidas por todos nós como figuras particulares do princípio de razão somente valem para uma classe específica de representações, a divisão em sujeito e objeto, ao contrário, é a forma comum de todas as classes, unicamente sob a qual é em geral possível pensar qualquer tipo de representação, abstrata ou intuitiva, pura ou empírica. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Como podemos constatar, todos os conceitos utilizados aqui por Schopenhauer tem origem sobremaneira na filosofia de Kant. Schopenhauer se deixa, neste sentido, conduzir pela *estética transcendental* kantiana que se encontra na obra *Crítica da Razão Pura*, na qual o filósofo de Königsberg faz também a distinção entre *fenômeno* e *coisa-em-si*, distinção básica fundamental também para toda a filosofia schopenhaueriana. Schopenhauer, ao utilizar os conceitos kantianos *a priori* e *experiência* na sua teoria cognitiva, não se distancia do uso originário destes.

De acordo com Kant, os termos *a priori* e *experiência* não devem ser tratados separadamente. As formas gerais do objeto, quais seja, o espaço, o tempo e a causalidade, encontram-se *a priori* na consciência do sujeito. Schopenhauer, fazendo uso de uma expressão da escolástica, chama o espaço e o tempo de *principium individuationis*, princípio de individuação (Cf. SCHOPENHAUER, 2005, p. 171-172). O espaço e o tempo são formas da intuição sensível; entretanto eles não podem tornar-se conteúdo de experiência; exclui-se, pois a possibilidade de representação dos mesmos. Desse modo, só é possível uma representação

das coisas *no espaço*, da mesma maneira, uma mudança das coisas *no tempo*. No que diz respeito à *experiência*, ela é a união das impressões proporcionadas pelos sentidos ao pensamento; ou seja, o sujeito primeiramente é percepção, pois ele é afetado pelos sentidos, em seguida ele (o sujeito) é conhecimento, pois pensa a matéria procedente dos sentidos. “É nesse conjunto de sensações processadas pelo cérebro (razão) que a representatividade do mundo se constitui e o conhecimento acontece a partir do entendimento”. (MACHADO, 2005, p. 168). Para Schopenhauer, a experiência de que o mundo é representação para um sujeito não pode ser apresentada por nenhum dos sentidos.

Contudo, além de tempo e espaço como formas *a priori* da representação, existe também a matéria (causalidade): “O seu ser reside na atividade. A lei da causalidade só tem sentido pela sua relação com o tempo e o espaço, e com a matéria que resulta da união dos dois”. (MACHADO, 2005, p. 168). A matéria é causalidade, ou seja, é fazer-efeito sobre o sujeito.

[...] esta [a matéria] é por completo apenas causalidade [...] o ser da matéria é o seu fazer-efeito, ela preenche o espaço e o tempo. Sua ação sobre o objeto imediato (ele mesmo matéria) condiciona a intuição, na qual unicamente ela existe. A consequência da ação de qualquer objeto material sobre outro é conhecido na medida em que este agora age diferentemente de antes sobre o objeto imediato e consiste apenas nisso, causa e efeito, portanto, é a essência inteira da matéria. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 49-50).

A sequência de reflexões desenvolvida até aqui por Schopenhauer na sua teoria do conhecimento (*o mundo é minha representação*) não é uma descoberta do filósofo alemão; ela já pode ser localizada na filosofia de Berkeley (1684-1753), na qual o mesmo afirma que não pode existir um objeto sem o sujeito, isto é, *esse est percipi, ser significa ser percebido*. Schopenhauer aceita essa tese como correta e profunda. Entretanto, além da importância da filosofia kantiana e berkeleyana para a formação do pensamento filosófico de Schopenhauer, não podemos esquecer também os escritos sagrados dos hindus.

Sendo assim, de acordo com o filósofo de Danzig, o entendimento reorganiza a matéria da sensibilidade, ele dá origem ao mundo como representação; não existe um objeto (um mundo, uma matéria) independente do sujeito. Mas o mundo como representação não é o único mundo. A outra parte do mundo, sua parte essencial (íntima) é composta pela vontade. A apresentação do mundo como vontade por Schopenhauer encontramos no Livro II de sua obra maior.

3 O MUNDO COMO VONTADE

Outro aspecto importante do mundo para Schopenhauer é a vontade. Para o filósofo, é necessário agora procurar a essência do mundo como coisa-em-si. Para Kant, não podemos conhecer as coisas como elas são em si mesmas. Contudo, aquilo que o filósofo de Königsberg chamou de coisa-em-si (o que existiria em si mesmo que ultrapassa a possibilidade de conhecimento), Schopenhauer chamou de vontade. A vontade seria o princípio fundamental (superior) da natureza, um além de toda pluralidade dependente do princípio de razão. Toda representação seria secundária, subordinada à vontade. A vontade é a base metafísica de toda a realidade, ela é irracional; também os homens são movidos por essa vontade, sendo ela o princípio da vida. Segundo Schopenhauer, a vontade seria inclusive a fonte originária de toda a dor humana.

Uma das propriedades da vontade considerada como coisa em si é a unidade, identidade ou indivisibilidade. Estando fora do princípio de individualização, no sentido de existir independentemente do tempo e do espaço, a vontade exclui a pluralidade, que, como vimos, se funda [nas] formas *a priori* da representação. A vontade dá coerência a toda a diversidade da natureza fenomenal, a que se liga a individualização. E sua unidade é constitutiva no sentido de que não existe em oposição a pluralidade. (MACHADO, 2005, p. 168).

Neste sentido, há na vontade uma unidade essencial dos ente. E isso acontece desde a matéria orgânica até o homem. Nela (na vontade) existe um conflito interminável, uma luta geral pela existência. Esta luta só é possível porque se dá nas vontades individuais. “Desde a matéria inorgânica há um conflito de forças que se entende por toda a natureza até o homem, que é onde a vontade se objetiva de forma mais perfeita”. (MACHADO, 2005, p. 169). A vontade em si mesma não pode ser conhecida; ela só é conhecida nos fenômenos particulares do mundo, que é onde ela atinge sua objetivação. Embora ela só possa ser reconhecida na representação, suas manifestações estão submetidas a relação de causa e efeito. Somente a vontade não depende da razão (fundamento), ela é razão sem-razão da totalidade dos seres.

[...] a vontade como coisa-em-si encontra-se fora do domínio do princípio de razão e de todas as suas figuras e, por conseguinte, é absolutamente sem fundamento, embora cada um de seus fenômenos esteja por inteiro submetido ao princípio de razão. Ela, é, pois, livre de toda PLURALIDADE, apesar de seus fenômenos no espaço e no tempo serem inumeráveis. Ela é uma, todavia não no sentido de que um objeto é uno, cuja unidade é reconhecida apenas em oposição a pluralidade possível, muito menos é uma como um conceito, cuja unidade nasce apenas pela abstração da pluralidade; ao contrário; a vontade é uma como aquilo que se encontra fora do tempo e do espaço, exterior ao *princípio individuationis*, isto é, da possibilidade da pluralidade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 171-172).

De acordo com Schopenhauer, a vontade sem-fundamento é independente e livre, contudo, a vontade do sujeito (indivíduo) não é livre, pois ela é determinada por uma vontade superior. O homem pode acreditar que é livre e que é capaz de mudar seu caráter, mas percebe com espanto que

[...] não é livre, mas está submetido a necessidade. Percebe que, apesar de todos os propósitos e reflexões, não muda sua conduta, e desde o início até o fim de sua vida tem de conduzir o mesmo caráter por ele próprio execrado e, por assim dizer, desempenhar até o fim o papel que lhe coube. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 173).

Schopenhauer não entende a vontade como uma faculdade de decisões: “Decisões da vontade referentes ao futuro são simples ponderações da razão sobre o que se vai querer um dia, não atos da vontade propriamente ditos”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157- 158). A ação que se mostra no corpo sempre é objetivação da vontade, a vontade dá sinal de si nos movimentos voluntários do corpo. Os movimentos do corpo não são nada mais que os atos isolados da vontade.

O ato da vontade e a ação do corpo não são dois estados diferentes conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexos da causalidade; nem se encontram na relação de causa e efeito; mas são única e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes, uma vez imediatamente e outra

na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão objetivação da vontade. [...] Todo ato verdadeiro, autêntico, imediato da vontade é também simultânea e imediatamente ato fenomênico do corpo; e, em correspondência, toda ação sobre o corpo é também simultânea e imediatamente ação sobre a vontade, que enquanto tal se chama dor, caso a contrarie, ou bem-estar, prazer, caso lhe seja conforme. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157-158).

A vontade tem, para Schopenhauer, a força para mover todo o corpo de modo a se alcançar um único objetivo: a satisfação do corpo, os prazeres. Segundo o filósofo, há no corpo um acesso duplo: ele experimenta-se de um lado como *representação*, do outro como *vontade*. O corpo é manifestação visível da vontade, da qual existem unicamente objetivações; o corpo é a porta de entrada da vontade: “em certo sentido, também se pode dizer: a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157). Segundo Schopenhauer, a vontade é independente de toda motivação racional; ao mesmo tempo em que ela se objetiva no corpo dos homens, também se objetiva no comportamento instintivo dos animais.

O pássaro de um ano não tem representação alguma dos ovos para o qual constrói um ninho; nem a jovem aranha tem da presa para a qual tece uma teia; nem a formiga-leão da formiga para a qual cava um buraco pela primeira vez. A larva do escaravelho abre na madeira o buraco onde sofrerá sua metamorfose e de tal modo que o buraco será duas vezes maior no caso de ele se tornar um besouro macho, em vez de fêmea, da qual ainda não possui representação alguma. Nas ações desses animais, bem como em outras, a vontade é sem dúvida ativa; porém se trata de uma atividade cega, que até é acompanhada de conhecimento, sem, no entanto ser conduzida por ele. Se obtivermos de uma vez por todas de fato que a representação enquanto motivo não é de modo algum condição necessária e essencial para a atividade da vontade, facilmente reconheceremos a atuação da vontade em casos menos evidentes. Assim, por exemplo, a casa do caracol não será atribuída a uma vontade que lhe é alheia e guiada pelo conhecimento, do mesmo modo que não atribuiremos a existência da casa por nós mesmos construídos a uma vontade estranha; porém, as duas casas serão tidas como obras da vontade que se objetiva nos dois fenômenos, contudo em nós atuando conforme motivos, no caracol, porém, atuando cegamente como impulso formativo direcionado para fora. Em nós, a mesma vontade também atua cegamente e de diversas maneiras, por exemplo, em todas as funções do corpo não guiadas por conhecimento, em todos os seus processos vitais e vegetativos: digestão, circulação sanguínea, secreção, crescimento, reprodução. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 173-174).

Schopenhauer utiliza todo um instrumentário conceitual para demonstrar sua filosofia através desse princípio metafísico que é a vontade de viver (presente desde a matéria inorgânica até o ser humano, todos almejam a sua própria preservação), ou seja, a vontade de vida, de se reproduzir, perpetuar a espécie.

Passaremos em seguida, após termos esclarecido esses pressupostos conceituais da filosofia schopenhaueriana, a discursar sobre os aspectos fundamentais de sua concepção acerca do conceito *amor*.

4 METAFÍSICA DO AMOR

4.1 O AMOR EROS

De acordo com Schopenhauer, a sua metafísica do amor, ou melhor, do sexo (EROS), gira em torno da ideia de que o amor nada mais é do que uma ficção, uma ilusão. O amor é imposto pela natureza ao ser humano como instinto para dessa forma garantir a perpetuação da espécie. Seguindo essa linha de raciocínio torna-se evidente o caráter holístico que o amor possui na visão do filósofo; pois o amor é um sentimento global que envolve todos os seres e também a espécie humana. O amor visa, desta maneira, imortalizar a essência do ser em si. Com relação ao ser humano pode-se então dizer:

Todo enamorar-se, por mais etéreo que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual [...] é ele a meta final de quase todo esforço humano [...] para que tanto barulho?! Para que o ímpeto, o furor, a angústia e a aflição? Trata-se simplesmente de cada João encontrar sua Maria. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 7-8).

O que atrai dois sujeitos de sexos opostos um pelo outro é a vontade de vida, o querer viver, a qual se manifesta no impulso sexual. A sexualidade, segundo o filósofo, está no mais íntimo de nosso ser. Os genitais possuem uma relação direta com a vontade, contrário ao cérebro, que é representante do conhecimento. Desse modo, Schopenhauer vê nosso comportamento sexual estando em função de uma força impessoal. A vontade de vida do descendente ainda não concebido é uma das razões principais pela qual um parceiro é atraído pelo outro.

Quando o impulso sexual se manifesta na consciência individual, de modo vago e geral, sem se dirigir para um indivíduo determinado, é a vontade de vida em si mesma que surge fora de todo o fenômeno. Quando se manifesta na consciência como impulso sexual dirigido para um indivíduo determinado é a vontade que aspira a viver em um indivíduo novo e distinto, exatamente determinado. Neste caso, o impulso sexual, embora na verdade seja uma necessidade subjetiva, ilude a consciência: sabe com muita habilidade cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza precisa desse estratagema para atingir seus fins. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 83).

Segundo Schopenhauer, é na troca de olhares desejosos dos amantes que a vida desabrocha, é no enlace desses olhares desejosos que “nasce a primeira semente do novo ser que, todavia, como todas as sementes, na maioria das vezes será esmagada”. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 13). Essa nova criança a ser procriada,

[...] terá do pai a vontade, ou caráter e da mãe o intelecto, e a corporificação de ambos: no entanto, na maioria das vezes a figura se ajustará mais a do pai, a grandeza mais a da mãe – conforme a lei de procriação híbrida dos animais, baseada sobretudo em que a grandeza do feto tem de se ajustar a grandeza do útero. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 12).

Esse novo indivíduo é de certa maneira, para Schopenhauer, uma nova forma, uma nova ideia platônica, que luta para entrar no fenômeno, na existência, por intermédio do amor (paixão) de seus pais. Segundo o filósofo, existem dois tipos de considerações que interferem na escolha do parceiro ideal para que uma criança perfeita seja procriada: as considerações *abstratas* e as considerações *relativas*. As considerações abstratas são aquelas que estão no

fundamento do amor sexual, que valem para qualquer um. A principal consideração é a idade: os homens preferem as mulheres entre dezoito e vinte e cinco anos; uma mulher idosa, aquela que adentrou no período da menopausa, não provoca mais excitação no homem e desperta, por isso, repugnância. A segunda consideração diz respeito à saúde: as doenças podem ser transmitidas à criança.

A terceira consideração concerne à estrutura óssea, o esqueleto: o esqueleto é para Schopenhauer, o fundamento do tipo da espécie. “Depois da idade e da doença nada nos repele mais que uma figura deformada e nem mesmo o mais belo rosto pode compensá-la; antes, até mesmo o rosto mais feio, num corpo bem constituído será incondicionalmente preferido”. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 24). A quarta consideração é que a mulher tenha certa abundância de carne, pois isso promete ao feto alimentação rica; ao contrário, afirma Schopenhauer, uma extrema magreza nos repele completamente. Peitos femininos bem dotados, de acordo com o filósofo “exercem sobre o sexo masculino uma tração incomum porque, estando em conexão direta com as funções de reprodução da mulher, promete ao recém-nascido rico alimento”. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 25). Última consideração é a beleza do rosto: um belo nariz, uma boca pequena, belos olhos e testa, isso tudo ninguém resiste.

As mulheres dão preferência aos homens com idade entre os 30 e 35 anos. A beleza para elas não seria tão importante, já que tomam para si a tarefa de transmiti-la à criança. São cativadas pela força e coragem do homem, pois estas prometem a procriação de crianças fortes: “é o caso da estrutura masculina do esqueleto, ombros largos, ancas estreitas, pernas retas, força muscular, coragem, barba etc.” (SCHOPENHAUER, 2004, p. 26). As mulheres são atraídas pelas qualidades psíquicas másculas, qualidades do coração, caráter, coragem, bondade, resolução. “Ao contrário, os méritos intelectuais, não exercem sobre ela[s] nenhum poder direto instintivo.” (SCHOPENHAUER, 2004, p. 27).

Como não há dois indivíduos totalmente iguais, é preciso que a cada homem determinado corresponda, do modo o mais perfeito, uma mulher determinada [...] justamente porque a paixão amorosa gira propriamente em torno da criança a ser procriada e de suas qualidades, residindo aqui o seu núcleo; pode haver amizade entre dois jovens bem formados e de sexo distinto, em virtude da sua concordância, de suas mentes, de seu caráter e de sua orientação espiritual, sem que o impulso sexual se imiscua; neste aspecto pode até haver entre eles uma certa aversão. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 14-15).

A vontade de vida vai agir da seguinte forma: ela aproxima dois indivíduos de sexos opostos de modo que um vai encontrar no outro as características que não possui, sempre tendo em vista a nova vida a ser procriada. Pessoas fracas terão interesse por uma pessoa forte; pessoas altas dificilmente terão interesse por uma pessoa da mesma estatura; os loiros preferem as morenas; pessoas de narizes achatados tem uma inexprimível satisfação a narizes aquilinos: assim, cada um ama o que lhe falta. A estas características, Schopenhauer dará o nome de *considerações relativas*; considerações que segundo o filósofo retificam a espécie, corrigem os desvios que o indivíduo traz em si.

[...] a origem do amor apaixonado propriamente dito, via de regra, será encontrada nestas considerações relativas, e apenas a origem da inclinação habitual, e fácil será encontrada nas considerações absolutas. De acordo com isso, não são exatamente as belezas regulares, perfeitas que costumam acender as grandes paixões. Para que nasça uma tal inclinação realmente

apaixonada exige-se algo que só se deixa expressar mediante uma metáfora química: ambas as pessoas têm de se neutralizar mutuamente, como ácido num sal neutro. [...] Para a neutralização mútua de duas individualidade que está em pauta exige-se que o grau determinado de masculinidade do *homem* corresponda exatamente ao grau determinado de feminidade da *mulher*, suprimindo-se com isso aquelas unilateralidades de modo preciso. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 29-30).

A zelosa e apaixonada busca pela beleza não concerne ao gosto pessoal do indivíduo, mas ao fim último (verdadeiro), a nova criança que será procriada, e essa têm que conservar o tipo da espécie de formas mais pura possível. “O indivíduo age aqui, sem o saber, a serviço de um superior, a espécie”. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 34). O amor do homem com relação à mulher diminui sensivelmente depois de satisfeito; ele agora anseia por outras mulheres, procura outras parceiras. Já na mulher ocorre o contrário, o amor sensivelmente aumenta depois da satisfação, ela quer proteção. Isso explica, no caso dos homens, o sentimento de decepção que muitos experimentam depois da grande obra, depois que o gozo é obtido: o gênio da espécie concede-o novamente liberdade sexual irrestrita.

[...] cada enamorado, depois do gozo finalmente obtido, experimenta uma estranha decepção e se espanta que algo desejado com tanto anelo não proporcione mais do que qualquer outra satisfação sexual, de modo que não se vê ai muito favorecido [...] assim, cada enamorado, depois da realização final da grande obra, acha-se ludibriado, já que desapareceu a ilusão por meio da qual o indivíduo foi enganado pela espécie. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 19-20).

Em seguida, veremos o que Schopenhauer pensa sobre o amor ÁGAPE.

4.2 O AMOR ÁGAPE

Schopenhauer, apesar de ser considerado um filósofo pessimista, fala também acerca do amor *Ágape*. Diferentemente do amor *Eros*, o qual visa, como visto anteriormente, a perpetuação da espécie, o amor *Ágape* é amor caridoso, compassivo, no qual não há interesse de um indivíduo sobre o outro, pois o que prevalece é o bem estar daquele ser sofredor, ou seja, nesse tipo de amor o intuito em ajudar o próximo faz com que o indivíduo não pense em benefícios próprios, tendo em vista, que o bem-estar ou mal-estar do outro (inclusive dos animais) passa a ser do indivíduo também, uma vez que o eu não está no centro das atenções. Nas minhas atitudes e comportamentos intersubjetivos o que interessa é o outro.

Pois, então, a compaixão não apenas me impede de causar dano a outrem, mas também me impele a ajudá-lo. De acordo com isso, sou movido, em parte porque minha participação é vivida e profundamente sentida, em parte porque a necessidade alheia é grande e urgente, através daquele motivo puramente moral, a fazer um grande ou pequeno sacrifício a carência ou a necessidade do outro, que pode consistir num esforço em seu favor de minhas forças corporais ou espirituais, da minha propriedade, da minha saúde, da minha liberdade e, até mesmo, da minha vida. (SCHOPENHAUER, apud BARBOSA, 1997, p. 121).

Para o filósofo, o que faz uma pessoa sentir essa compaixão decorre de uma atitude ou posicionamento ético. Assim, o que leva o eu a agir diante do outrem é simplesmente o fato do indivíduo se colocar naquela situação embora ele não possa viver com a mesma intensidade a dor alheia. Ela permanece para o sujeito ativo algo externo e só penetra no

indivíduo através da intuição ou de uma notícia. Portanto, o sujeito ativo se vê enredado pelo sofrimento que atinge o outro. É decorrente desses fatores que a pessoa, detentora do amor autêntico, que para Schopenhauer é o amor-compaixão, é impulsionada a proteger o seu semelhante.

A palavra “compaixão” significa *paixão-com*. “É o colocar-se no lugar do outro, sofredor, homem ou animal, esquecendo-se da própria personalidade”. (BARBOZA, 1997, p. 85). É por isso que Schopenhauer identifica no amor Ágape uma negação da vontade. As relações de conflitos (relações egoístas) entre o “eu” e o outro são desta forma superadas. Há uma aproximação por parte do sujeito ativo com o seu sofredor, de modo que eles não mais se consideram estranhos ou distantes um do outro. O tu passa aqui a ser o eu. O sofrimento do outro passa a ser o *meu* também. Esse amor é bastante comum entre as pessoas caridosas e entre os santos. Nesse sentido, o filósofo de Danzig destaca o amor de Jesus Cristo, não um amor voltado para uma única pessoa, mas à humanidade em geral. Cristo doou sua própria vida em prol da salvação da humanidade em geral. Como explicita o filósofo:

Cristo não amou a si, ou se deteve numa mulher em particular; o seu amor era pela humanidade, e por esta se sacrificou na cruz; a sua paixão era por todos, não por um específico indivíduo do sexo oposto, visando a reprodução, como ocorre com as pessoas guiadas por Eros. Jesus amou caritativamente a todos, mesmo o injusto e o cruel. (SCHOPENHAUER apud BARBOZA, 1997, p. 85).

De acordo, com Barboza, Schopenhauer atribui à compaixão o único fundamento da ética. Assim, o egoísmo e a crueldade tão presentes nas relações intersubjetivas, desaparecem, dando lugar a caridade. Prevalece nas relações o amor puro destituído de qualquer interesse egoísta. É no entregar-se completamente ao diferente que “a existência do outro se torna a minha existência” (BARBOZA, 1997, p. 86); o que interessa aqui é a diminuição do sofrimento alheio. Tais concepções acerca do amor não se distanciam das ideias do filósofo Platão, onde na obra *Fedro* ele fala sobre o amor sensível e o delírio erótico que podem tornar-se virtude divina.

O amor desinteressado é uma prática vivenciada cotidianamente entre as pessoas. Elas são impelidas a ajudar sempre que veem o seu próximo vivendo em necessidades. Tal sentimento possui para Schopenhauer uma raiz misteriosa, a própria razão não consegue explicar esse fato. No amor caridoso não há interesse físico e intelectual.

Certamente esse processo é digno de espanto e até misterioso. É, na verdade, o grande mistério da ética, seu fenômeno originário é o marco além do qual só a especulação metafísica pode arriscar um passo. Vemos nesse processo a supressão da parede divisória que, segundo a luz natural (como os antigos teólogos chamam a razão), separa inteiramente um ser de outro ser, e vemos o não-eu tornar-se numa certa medida o eu. (BARBOZA, 1997, p. 121).

No livro *O Mundo como Vontade e como Representação*, Schopenhauer distingue o amor puro do amor próprio afirmando que todo o amor puro e verdadeiro é compaixão. Nele o que predomina é um sentimento sincero que age com a finalidade do bem ao próximo. Neste tipo, de relação para com o outro o eu não espera nada em troca. Já o amor próprio é constituído pela satisfação do “bem-estar da presença do amigo, cuja individualidade corresponde a nossa, o que constitui quase sempre a maior parte da amizade”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 478).

Para Schopenhauer, o caráter que atingiu a bondade suprema e a nobreza perfeita se sacrifica, objetivando evitar ou amenizar o sofrimento alheio. É possuindo esse tipo de caráter que muitas pessoas morrem em favor das outras. Sendo assim, “o que pode mover a bons atos, a obras de amor é sempre e tão-somente o CONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477).

Desse modo, Schopenhauer nos mostra que tanto o amor puro (*caritas*) quanto o sofrimento que esse amor alivia dão origem a compaixão. Para melhor demonstrar que o amor puro é também compaixão, ou seja, que eles percorrem os mesmos limiares, sendo uma junção, uma unificação, o referido pensador no decorrer de sua exposição destaca que “em italiano a compaixão e o amor puro são expressos com a mesma palavra, *pietà*” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 478).

Mas a compaixão é uma espécie de sentimento que nem sempre se apresenta nas relações do sujeito com o seu semelhante. Há momentos que vivemos esse sentimento em nós mesmos, onde nos compadecemos com a nossa própria condição, e isso caracteriza a compaixão consigo mesmo, condicionada “tanto pela capacidade de amar e compadecer-se quanto pela fantasia”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481). Fantasia, nesse sentido, existe quando imaginamos sofrer o que o outro está sofrendo, passar pelas mesmas angústias e sofrimentos, ou seja, a fantasia representa a possibilidade de algo acontecer ou não conosco mesmo.

Segundo Schopenhauer, o choro é visto pela maioria das pessoas como uma expressão de bondade de caráter, podendo ser assim compreendido como capacidade de amar. Já aos indivíduos que tem dificuldade para chorar são denominadas pessoas sem coração, sem piedade (compaixão) e não demonstram possuírem bons sentimentos para com os outros. Mas nem sempre expressar dor significa sofrer. Há pessoas que choram para representar os demais que estão comovidas com a situação alheia ou ainda, pelo fato de se colocar naquele lugar do sofredor. Quando o filósofo afirma que nem toda dor é sofrimento, um dos exemplos utilizados por ele é o de uma criança; nesse momento, o choro representa para o espectador presente uma encenação. O mesmo também pode acontecer quando alguém morre: o choro generalizado demonstra que nos compadecemos diante de um morto porque sabemos, que todos nós algum dia passaremos pela mesma situação.

De fato, em realidade assalta-lhe compaixão pela humanidade inteira entregue a finitude, devido a qual toda vida, por mais esforçada e rica em atos que seja, tem de extinguir-se e tornar-se nada. Nessa sorte da humanidade, entretanto, o enlutado mira antes de tudo a própria sorte e em verdade tanto mais quanto mais próximo dele estava o morto, por conseguinte acima de tudo a morte do pai. Embora a idade e a doença tivessem transformado a vida dele num tormento e, através do desamparo, um fardo pesado para o filho, ainda assim sua morte é chorada intensamente (SCHOPENHAUER, 2005, p. 480).

Após ter efetuado uma análise da distinção entre o amor próprio e o amor puro, sendo que este último conduz até ao choro, o filósofo discute que esse sentimento que origina a compaixão é responsável também pela negação da vontade de vida. Porém, de que maneira acontece essa negação? Schopenhauer reconhece aqui o sentimento de “perfeita bondade de disposição, o amor desinteressado e o mais generoso auto sacrifício pelos outros”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481). Isso possibilita ao indivíduo que ele se reconheça nos

indivíduos como um todo, ou seja, há aqui uma anulação do sujeito oriunda dos sofrimentos alheios: o sujeito toma sobre si mesmo as dores do mundo todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa anteriormente exposta evidência aspectos importantes da filosofia de Arthur Schopenhauer, os quais exerceram uma grande influência no desenvolvimento do pensamento ocidental. Schopenhauer foi um dos poucos filósofos a levar em consideração, por exemplo, a questão do amor, do instinto sexual. Além desta temática o filósofo interessou-se também pela problemática da dor, do sofrimento, da angústia presentes no mundo, questões que mereceram especial atenção no século XIX e XX e foram aprofundadas por grandes mestres da tradição filosófica Ocidental como, por exemplo, Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Heidegger, Sartre.

Na nossa pesquisa partimos da compreensão do *princípio de razão suficiente* como formas da experiência possível: o espaço, o tempo e a causalidade. Tornou-se evidente que na filosofia de Schopenhauer é esse princípio que permite o surgimento do mundo como representação para o sujeito, ao qual todos os objetos estão relacionados numa cadeia causal. Ser representação significa ser um objeto para um sujeito, ter uma existência intrinsecamente relativa a ele. Schopenhauer demonstra que o mundo como um todo é apenas uma representação revestida daquelas formas do princípio de razão, não contendo absolutamente nada em si fora dessa relação sujeito-objeto.

Mas aquilo que resta ao mundo que não é representação, ou seja, que não é um objeto dado ao conhecimento empírico é a vontade. Como vimos vontade possui uma natureza discordante que põe todos os fenômenos, sob os quais se objetiva, em uma perpétua guerra de uns contra outros pela posse da matéria. A força violenta e irracional da vontade gera um eterno sofrimento no universo que tem no homem seu ápice.

Vimos na nossa pesquisa que na filosofia Schopenhaueriana o amor é visto, por um lado no sentido sexual (EROS), no outro, no sentido puro (ÁGAPE). No primeiro sentido, Schopenhauer fala que o amor (EROS) nada mais é do que o gênio que serve a espécie, de modo que as pessoas por terem medo da morte e consciência de que ela é uma realidade da qual não podemos evitar, buscam-se relacionar com as outras através do seu oposto objetivando gerar filhos que lhe garantirão eternizar a própria existência na espécie. Assim, o anseio amoroso que tanto o homem quanto a mulher afirmam sentir, nada mais é do que a vontade que se manifesta na tentativa de eternizar-se.

No segundo sentido, Schopenhauer fala do amor ÁGAPE, do amor puro, desinteressado. Assim um indivíduo dotado de compaixão procura ajudar o outro mesmo que a princípio lhe pareça estranho, pois o que interessa é amenizar o sofrimento do seu semelhante. Tal atitude ética (compaixão) é capaz de provocar em alguns indivíduos o desenvolvimento de uma disposição para a prática de uma vida de resignação, uma vida ascética.

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se que, enquanto Schopenhauer na sua metafísica do amor mostra um pessimismo metafísico com relação ao amor (EROS), no

quarto livro da obra *O Mundo como vontade e como representação* ele se apresenta como um otimista prático: a questão do amor ali é uma questão ética: esse amor (ÁGAPE) é destituído de qualquer interesse do indivíduo e se contrapõe aquilo que a vontade de viver tenta afirmar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, J. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da Morte Metafísica do Amor Do Sofrimento do Mundo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).

OBRAS CONSULTADAS

DIAS, Rosa Maria. “O autor de si mesmo”: **Machado de Assis leitor de Schopenhauer**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid:50100-512x2005000200020&script=Sci-arttex>> Acesso em: 18/04/2019.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mojrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1994.

KESTERING, J. C. **A arte como conhecimento de exceção**. Revista Lampejo. Ano 4, n. 7, Fortaleza, junho de 2015, p. 1-27.

LEFRANC, J. **Compreender Schopenhauer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **La cuadeuple raiz del principio de razon suficiente**. Tradução de: Eduardo Overejo e Maury. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1911.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária; em todos os momentos comprovou ser o maior mestre que alguém possa conhecer;

A Universidade Estadual da Paraíba, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes;

Ao meu orientador Julio Cesar Kesting pelo suporte que lhe coube e confiança em mim depositada, pelas suas correções e incentivos;

Aos meus pais, irmãos e amigos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional;

E a todos que, direta ou indiretamente fizeram, parte da minha formação, o meu muito *obrigado*.